



RÁDIO: UM COMPANHEIRO DO CEGO

Elisangela Ribas Godoy

Universidade Tuiuti do Paraná

1. Introdução

As diversas tecnologias proporcionam neste novo milênio a constante atualização em relação à informação, entretenimento, lazer e cultura, principalmente, aos que possuem as ferramentas necessárias para isto, como os sentidos perfeitos. Porém há aqueles que não conseguem usufruir destes benefícios, ficando, em algumas ocasiões, defasados, por exemplo, quanto à renovação cotidiana, intelectual e profissional, como é o caso dos deficientes visuais.

De acordo com dados do IBGE (2002) existem no Brasil 16.573.937 cegos, sendo que no Paraná vivem cerca de 792.143¹. Porém, os jornais que circulam diariamente, as emissoras de televisão e a internet permitem várias formas de acesso para que os videntes² possam estar inteirados sobre o que ocorre, mas poucas possibilidades aos que não enxergam. Por sua vez, o rádio exerce uma grande influência sobre esta parcela da população, ocupando uma posição de prestígio nas vidas destes indivíduos. A interventora do Instituto Paranaense de Cegos (na época da pesquisa), Maria Regina Boscardin, destaca que o deficiente tem conhecimento da realidade através das notícias deste veículo, sendo *“portanto uma janela para o mundo para o deficiente e uma das maiores fontes de informação e formação para o cego”*.

É a este o meio a que os deficientes visuais recorrem devido a diversos fatores (como se pode observar em alguns resultados das pesquisas a seguir) para terem informação e se entreterem, pois, a qualquer momento, podem ligá-lo e ficar a par dos fatos.

1.1 Rádio – o formador de imagens

¹ O IBGE considera como deficientes visuais os incapazes, com alguma ou grande dificuldade permanente de enxergar.

² Denominação para os que enxergam e como são conhecidos pelos próprios cegos.



Thompson acredita que além da participação dos pais, dos amigos e da família, a indústria da mídia também tem o seu papel na autoformação do ser humano e o sentido de uma mensagem não deve ser visto como algo estático, mas renovável, conforme a interpretação pessoal dos indivíduos, que para assimilá-lo o levam a discussão em grupos maiores, onde seus pensamentos são submetidos a comentários e críticas.

Como meio de comunicação de massa, o rádio também exerce esta influência. Para Ferrareto (2001, p.24) a mensagem deste meio é definida com base em uma média de gosto e a recepção é simultânea, já que muitas pessoas podem receber uma única mensagem ao mesmo tempo.

Segundo Meditsch, por ser percebido pelas pessoas como o mais próximo de si mesmas, no rádio a relação de poder entre emissor e receptor torna-se mais eficiente e, conseqüentemente, limitada pelo receptor aderir ou não à comunicação e a forma como vai fazê-lo, podendo ser mais intensa dependendo de sua disposição.

O autor (2001, p.266) lembra que a mente não funciona como um depósito vazio a ser preenchido pelas informações do rádio, pois “Basta entrar em contato com esse discurso para se moldar, instantaneamente, de forma a tirar o melhor proveito cognitivo, situando-o num contexto e dirigindo a atenção em função dele”.

Sendo este um veículo que não tem imagens como a televisão, os textos lidos em uma emissora são as referências aos ouvintes que não conseguem enxergar, pegar ou apalpar este material, como acontece (nestes últimos dois casos) com o jornal e a revista.

Mas um ponto positivo a favor do meio é justamente a possibilidade de criar imagens. Para Mcleish (2001, p.15) “[...] ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser [...]”.

Tendo poder de ampliar a criatividade, o rádio pode sugerir imagens auditivas ao imaginário. Para Júlia da Silva (1999, p.78) a imagem que se constrói a partir de sons, como músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos, se distingue da estruturada por elementos visuais, fazendo com que apareça “na tela imaginativa do ouvinte como uma granulação fina, resultado de um processo perceptivo entre impressões pessoais e representações sensoriais sonoras apreendidas pela audição”.



Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima acreditam neste poder salientando que os profissionais de rádio devem compreender que a palavra pode desmontar falsas imagens e que a TV cria estereótipos bons e ruins. “Por isso, não se pode esquecer que somente as palavras podem processar o pensamento crítico, e este é um atributo que o rádio precisa usar e divulgar: a imagem não é tudo”. (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.29).

De acordo com Mcleish (2001, p.15) o rádio é “um meio cego, mas pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz”. Esta figura é quem acaba exercendo a função de amigo do ouvinte. Como dizem Hartmann e Mueller (1998, p.83)

Quem escuta é psicologicamente só, ele é único. O rádio permite manter uma relação interior com as pessoas. Possui a capacidade de ser um amigo. É muito importante identificar o ouvinte, não tratá-lo como um número. [...] É necessário que ele sinta a sua importância e [...] capaz de responder à mensagem recebida.

1.2 A comunicação pelo rádio

Meditsch (2001, p.249) informa que “[...] Pesquisas de recepção revelam que o público em geral, reconhece três funções relevantes no rádio: entreter, informar e educar, nesta ordem de importância [...]”.

Para Guilherme Piernes (1990, p.67) a função social é de extrema relevância, já que

Do papel de gata borralheira, de irmão mais pobre da televisão, o rádio tem se convertido num elemento essencial para a comunicação dos povos, chegando ao âmago da sociedade mais desprotegida, não para lhe vender mercadorias, mas para prestar um serviço social de fundamental importância.

Já Prado (1989, p.28) destaca que o rádio tem grande capacidade de se comunicar com quem não tem formação para decodificar a mensagem, assim “tem um papel informativo relevante nas sociedades subdesenvolvidas, com uma porcentagem elevada de analfabetos”.

Neste contexto, Meditsch (Park apud Meditsch, 2001, p.49) acrescenta que “[...] a notícia realiza, de certa maneira, para o público, as mesmas funções que realiza a percepção



para o indivíduo; isto é não somente o informa como principalmente o orienta, inteirando cada um e todos do que está acontecendo”.

Ao mesmo tempo em que leva informação, para Defleur e Rokeach (1993, p. 288) o meio exerce a função de educador e “[...] No que as pessoas lêem jornais, escutam o rádio, assistem filmes no cinema e contemplam a televisão, recebem aulas e práticas diárias das convenções de linguagem de nossa sociedade”.

Em relação à sensação de relaxamento, Hartmann e Mueller (1998, p.85) dizem que

[...] o rádio pode ser também uma porta de evasão, de alívio para a enxurrada de problemas sociais, familiares e conjugais que o ouvinte enfrenta no seu dia-a-dia. A programação radiofônica não deve ser um veículo alienador, que fuja dos problemas, mas que alivie, renove as energias do radiouvinte para animá-lo a retomar a solução dos mesmos. Assim, o humor é um aliado para ver a realidade com outra ótica, não deixando o ouvinte mergulhar na tristeza, melancolia, desânimo e depressão.

Conforme Mcleish (2001, p.20) o rádio também “Ajuda a resolver problemas, agindo como fonte de informação e aconselhamento, seja diretamente com o acesso pessoal ao programa, seja de um modo geral indicando fontes adicionais de auxílio”.

Portanto, é o amigo presente nas diversas horas do dia e exerce as funções citadas, em alguns casos, devido à mobilidade e uma relação individualizada com o ouvinte, fatores proporcionados pelo avanço tecnológico, pois se pode comprar equipamentos cada vez menores, como o walkman, que permitem audição com conforto, em qualquer lugar. Ele “[...] não tem nenhum tipo de barreiras. Chega a qualquer parte, algo assim como uma entrega a domicílio por mais difícil que seja encontrar o lugar”, diz Piernes (1990, p.68).

O rádio é, ainda hoje um dos veículos mais populares e contribuem para isto o seu baixo custo de aquisição, o fato de atingir os que não sabem ler e as populações de todas as camadas sociais, ser de fácil manuseio e poder ser ouvido onde as modernas tecnologias não chegam, até mesmo, pela falta de energia elétrica. [...]”. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgados no início de 2002, de 1995 para 1999, o percentual de residências com o aparelho subiu de 88,9% para 89,9%. O IBGE informa ainda que

Rádio (87,4%), televisão (87,0%) e geladeira ou freezer (83,2%) são os bens mais comuns nos domicílios brasileiros. Entre os bens intermediários, encontram-se videocassetes (35,3%), máquina de lavar roupa (33,1%) e automóvel para uso particular (32,7%).



Conforme Meditsch (2001, p.215)

O rádio continua a ser um dos meios de comunicação de massa mais rápidos no campo informativo e a ausência de elementos estáticos em sua linguagem facilita a sua maneabilidade, permitindo uma ubiquidade e uma instantaneidade, tanto na emissão quanto na recepção, ainda não alcançados por nenhum outro meio [...].

Para o autor é necessário se conhecer a maneira como o público o usa, pois por ser um meio de atenção considerada secundária é consumido de forma diferenciada. “[...] Sua recepção se dá de maneira articulada e simultânea com as atividades de rotina pessoal do receptor, diferente dos audiovisuais e impressos, que monopolizam sua atenção e, portanto, exigem a interrupção dos demais afazeres” (MEDITSCH, 2001, p. 100).

2. Um breve relato sobre a relação do cego com o rádio

Para se verificar qual a posição ocupada pelo rádio na vida dos cegos e se há diferença na recepção em relação aos que enxergam, foram aplicados, no ano de 2002, dois tipos de questionários, envolvendo deficientes e videntes. O primeiro foi levado a quatorze deficientes visuais, com idade entre 16 e 74 anos, que freqüentavam, moravam ou trabalhavam no Instituto Paranaense de Cegos, em Curitiba.

Neste caso, todos disseram que escutam rádio freqüentemente, de preferência à noite (44,4%), seguido da tarde (33,3%) e da manhã (22,2%), observando-se um dado diferente do horário nobre do rádio, atualmente concentrado no período da manhã. Alguns disseram que ouvem rádio em qualquer momento, como Manuel Cardoso dos Passos. Ele afirma que *“se eu pudesse ouviria o dia inteiro, mas escuto a partir das 5 horas da tarde até a meia noite”*.

Para o deficiente visual, Luís Carlos Siqueira, 38 anos, porteiro do instituto, o aparelho é um artigo guardado com carinho, que o deixa informado sobre o que ocorre. Segundo ele ouvir rádio das 19 horas às 7 horas da manhã do outro dia já é um hábito. *“Em minha casa, o rádio permanece ligado a noite inteira. Durmo com o rádio ligado”*, informa.

O levantamento mostrou que estes deficientes preferem escutar as mensagens sozinhos (50%), depois com a família (36,4%) e com os amigos (13,6%). Os principais motivos que os levam a ouvir uma emissora são informação e entretenimento. Natanael Coelho, de 26 anos, que freqüenta o instituto, diz que a *“informação é necessária para ficar a par das coisas”*. Já



para Antonio Tadeu Oliveira, 50, funcionário da fábrica de vassouras da instituição, *“ouvir rádio é uma descontração, serve para relaxar, é como um descanso”*.

Companhia também é importante para Edison Lemos, que nasceu com a deficiência e está na quarta série do ensino fundamental, ouvi-lo. *“Escuto rádio, principalmente, por causa da solidão. Ele é meu companheiro à noite... Quando estou chateado, triste, sempre escuto, bem alto, música caipira”*, afirma.

Manuel Cardoso dos Passos, 40 anos, um outro trabalhador da fábrica de vassouras, diz que além de entreter e informar, este veículo ajuda a educar. *“Deveria haver um programa de pelo menos meia hora para ensinar coisas boas. O projeto Minerva³ de antigamente era bom, tinha aulas até para crianças”*, comenta.

2.1 Preferências com relação às emissoras

Das mulheres entrevistadas, 35,7% ouvem as FM's, 35,7% dos homens as AM's, os demais declararam não fazer distinção. Porém, 92,9% deles têm uma ou duas estações preferidas.

Em relação ao que acham das emissoras em Curitiba, disseram, em sua maioria, que é preciso uma reformulação relativa à programação e à qualidade. Conforme Fernanda Ferreira, moradora da instituição, que finalizou o ensino médio, *“precisaria melhorar as músicas com letras ruins, que não acrescentam nada, como Bonde do Tigrão”*. A universitária Maritsa Moreira diz que, como a audição é essencial para os cegos, as AM's deveriam ter menos interferência. *“Quando não há qualidade de som, mudo de emissora ou para as FM's, que são melhores quanto a isto”*.

O morador do instituto, Antonio Bertoja, e o empregado da instituição, Antonio Oliveira, também reclamam da falta de qualidade. Para Bertoja há muitas estações *“que são ruins de ouvir, a transmissão tem chiado”*. Oliveira afirma que as *“AM's vivem com ronco, tinha que melhorar isso. O som das FM's é melhor, tem mais qualidade”*.

2.2 Os programas e os profissionais que os deficientes mais acompanham

³ Programa operado pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, em 1970.

Em relação ao interesse das notícias para serem emitidas pelo rádio, os homens preferiram em primeiro lugar esporte, seguido de geral, cultura, policial, lazer e política. Mesmo sendo o último tópico mencionado, para Manuel Passos é preciso que sejam transmitidas notícias sobre política, pois *“somos governados pela política. Sou fã da Voz do Brasil, sou a favor da Voz, acompanho tudo para ficar evoluído quem não acompanha este programa deixa de aprender muita coisa”*.

Enquanto para os homens o esporte é o que gera mais interesse, pelas mulheres as informações sobre cultura foram eleitas como as mais importantes, seguidas de geral, lazer, política, esporte e policial. Quanto ao estilo, constatou-se que os cegos preferem ouvir música, entre elas sertanejas, da jovem guarda e reggae. Na seqüência os programas lembrados foram os referentes aos policiais e os que mesclam música e informação.

Dos entrevistados, 78,6% afirmaram ter algum radialista com o qual se identificam e 21,4% não. Entre as características consideradas pertinentes estão: serem brincalhões, espontâneos, simpáticos, comunicativos e expressarem bem o que falam, simplicidade, carisma e a forma como tratam o ouvinte, porque dizem o que têm que dizer, pela sinceridade, serem bons de conversar e pelo posicionamento no veículo.

Estas opções são exemplificadas pelos relatos do deficiente Manuel Passos, que diz *“o Luiz Ernesto (Rádio Cidade, Curitiba), por exemplo, é justo, fala o que tem que falar”* e de Almeri Siqueira de Siqueira, que comenta *“o Marcus Aurélio (CBN) faz entrevistas importantes sobre medicina e a gente aprende muita coisa. Já o Gilberto Ribeiro (Banda B, Curitiba) é alegre, positivo, não traz negatividade para o rádio”*.

Quando questionados sobre o interesse das notícias, os homens declararam que são as referentes ao país, estado, cidade, internacional e região ou bairro (nesta ordem), resultado que contraria a informação de que no rádio o ouvinte prefere ouvir notícias sobre as regiões, devido à proximidade. Já as mulheres disseram que são mais importantes as sobre cidade, depois do bairro e região, estado, país e, em último lugar, as internacionais.



2.3 Entendimento e a busca da informação em outros veículos

Todos os cegos considerados destacaram que entendem bem as informações transmitidas pelo rádio. Neste caso, o que se pôde observar é que a simplicidade e a utilização no programa de repetição, de trilhas e das frases curtas são importantes para os deficientes visuais.

Manuel dos Passos comenta que o *“radialista fala feijão com arroz, ele é curto e grosso no assunto”*. O uso de frases curtas para Antonio Oliveira facilita *“porque quando alguém fala bastante acaba confundindo e quando é curto esclarece”*.

No geral, todos os entrevistados gostam da simplicidade do rádio e de terem este meio como fonte de informação. Luis Siqueira afirma que *“sem rádio ficaria difícil já que jornal não posso ler mesmo... Só saio de casa para ir para o trabalho depois de escutar todas as manchetes nos jornais... é uma forma de ficar sabendo do que acontece”*.

Em relação ao uso de outro veículo para se informarem, 80% deles responderam que utilizam a televisão, 6,7% jornal (quando uma outra pessoa o lê). Um disse que só o rádio, pois não gosta de televisão e outro que o telefone. Em relação à TV, 42,9% declararam que têm dificuldades para compreender integralmente os assuntos quando, por exemplo, o aparelho está longe, como é o caso de Antonio Tadeu de Oliveira, que possui somente 10% da visão. Almeri Siqueira fala que prefere ouvir o noticiário pelo rádio *“... é discriminação quando na TV dizem ligue para o número em sua tela. No rádio a pessoa fala e repete a informação... Para mim não tem nada que o substitua. A informação e os programas musicais na televisão não têm tanto impacto como no rádio”*. Ela comenta, ainda, que recorre ao telefone para tirar dúvidas sobre determinados assuntos, *“tenho o dicionário em braille, porém o que não existe nele eu procuro por telefone”*.

Os relatos de Natanael Coelho e de Maritsa Moreira confirmam a dependência dos cegos ao usarem outros veículos que não o rádio. Com relação à televisão Natanael destaca que *“quando quero saber alguma informação que não entendo na TV, quando, por exemplo, uma cena muda, ou dizem ‘olha lá, acertou um!’, aí pergunto para alguém que estiver comigo”*. Já Maritsa fala que sabe das notícias da Gazeta do Povo (jornal paranaense) *“quando meu pai ou minha irmã lêem para mim aos domingos”*.



Luís Carlos Siqueira foi o único que declarou não recorrer a outro veículo, dizendo que *“não tenho paciência para acompanhar futebol na televisão... no rádio há todos os lances do futebol e eles entrevistam os jogadores... a TV fica na cozinha e só minhas filhas e mulher assistem”*.

Uma pesquisa realizada por Simone Frota, para elaboração de uma monografia sobre o deficiente visual como consumidor, reafirma alguns dados acima, divulgando que esta preocupação não é só dos que moram em Curitiba. Frota (2002) mostra que apesar dos treze, dos seus vinte entrevistados, terem dito que utilizavam o rádio e a televisão como meio de comunicação, todos relataram que apreciam mais o primeiro. “... O que mais gosto é o rádio. Porque [...] é uma comunicação totalmente voltada ao ouvinte, não existe a comunicação visual...” (FROTA, 2002, p.52).

O rádio transmite música, transmite informação, transmite esporte, transmite serviço de utilidade pública e, especialmente para cegos, é um meio de comunicação que te aproxima mais com a realidade, porque o rádio, ele dá mais detalhes [...] (idem)

Um outro depoimento apresentado pela autora é o relacionado à companhia. “É a primeira coisa que eu faço: ligar o rádio. De noite, quando eles saem e eu fico sozinha, enquanto eles não vêm eu não desligo o rádio! Eu não gosto de escutar o barulho da rua... Daí o rádio é o meu melhor amigo...” (FROTA, 2002, p.54). O próximo reforça a utilidade do meio para o deficiente. “Eu concordo com a idéia de que o rádio chega mais perto das pessoas, através do rádio você consegue transmitir muitas coisas para as pessoas. Eu acredito que talvez até mais que a televisão” (idem).

O trabalho desenvolvido por Simone Frota confirma, ainda, algumas situações em que faltam informações sobre o produto a ser vendido pelos demais veículos, que não o rádio. “... eu acho que deveria ser um pouco mais longo, e ter um pouquinho mais de detalhes sobre o produto a ser consumido, às vezes nem falam o preço, que também é super importante, todos os produtos deveriam ter o preço...”. Mais um que “... tem muitos produtos que passam na TV e mostram o telefone embaixo... ‘Se você quer comprar aquele produto, ligue para o telefone que está abaixo da tela...’ Há, há, há, há... Pra cego não tem como!...”. Outro que fala “...



telefone de contato ou endereço no site que é legal!... acesse o endereço que está no seu vídeo, pô isso é sacanagem, daí não tem como” (FROTA, 2002, p.64).

2.4 Aplicação do segundo questionário

Depois da realização do primeiro levantamento, houve a necessidade da aplicação de um segundo tipo de questionário, o que ocorreu ainda em 2002. Desta vez, a meta foi observar se havia diferença entre videntes e deficientes visuais, na recepção da mensagem transmitida pelo rádio e se dificuldades, como a falta da visão, interferiam fazendo-os cegos melhores ouvintes. Esta etapa foi respondida por 17 estudantes videntes de uma universidade em Curitiba e 14 deficientes do Instituto Paranaense de Cegos. Para tanto, levou-se às duas categorias, em dias e locais diferentes, um programa de rádio de 30 minutos, dividido em quatro blocos, com três intervalos comerciais e animado por diferentes trilhas. O programa tinha o esporte como assunto principal, tema escolhido por ter sido um dos mais lembrados pelos cegos no questionário anterior.

Levando-se em consideração a falta de semelhança física entre ambos, pela análise das respostas não se pôde dizer com certeza que os cegos ou os videntes têm poder de retenção de informação diferente, porém consegue-se levantar alguns pontos relevantes, entre eles, os citados a seguir.

O primeiro deles é que para ambos os entrevistados as informações transmitidas tiveram bastante relevância, porém para os deficientes visuais o programa esclareceu mais as dúvidas do que para os que enxergam. Os fatores apontados pelos dois grupos que mais contribuíram para o esclarecimento foram objetividade e conteúdo descritivo. Por outro lado, a falta de compreensão para alguns dos entrevistados ocorreu, principalmente, pela falta de clareza e locução muito rápida ou lenta em alguns momentos. Para melhorar o entendimento, os cegos e videntes disseram que certos assuntos deveriam ser descritos mais adequadamente, com a participação de comentaristas ou de especialistas.

Segundo os cegos a locução não deve ser muito rápida, tendo que ser criativa. O fundo musical precisa ser disponibilizado de forma que se apresente o mais baixo possível para não atrapalhar a recepção da mensagem. *“Dois fundos musicais estariam bom, foram muitos... é importante a quantidade de músicas que colocam no programa para que ele não fique*



confuso e chato”, constatam. É necessário dizer que a falta de cuidado com o BG também foi questionada pelos videntes.

Quanto a realização de matérias mais descritivas, os cegos e videntes destacaram a importância dos comentários, sendo que os primeiros sugeriram que nas entrevistas se falasse mais do jogador e *“seria interessante os comunicadores darem crédito ao autor da música, dizendo quem é, cidade de onde é, enfim, descrevendo um pouco mais e contribuindo para a cultura”*, diz Sebastião Carvalho.

Houve, ainda, a sugestão de que as informações dos mesmos times, como as do Atlético Paranaense, se concentrassem em um único bloco. *“O vai e vem da informação causa confusão, o melhor seria não separar os temas iguais entre os quatro blocos”*, reforça Sebastião.

3. Os profissionais e o rádio

Como última fase do trabalho, se considerou o desenvolvimento de entrevistas com alguns profissionais mencionados pelos cegos e com um pedagogo cego.

Peter Júnior é um dos comunicadores. Atuando na rádio Clube (AM 1430), em Curitiba, desde 1989, no programa Revista Matinal, de acordo com ele, o rádio tem um papel relevante em relação aos cegos. *“O fato de o deficiente dizer que não sai de casa antes de ouvir as manchetes dos jornais mostra esta necessidade de levar para ele o que acontece no mundo”*.

O comunicador ressalta a preocupação dos deficientes visuais quanto ao fundo musical, comentando que é uma reflexão sua também. *“Sempre peço para que o operador coloque a trilha do meu programa bem baixinha. Pode atrapalhar se deixar a voz do locutor em segundo plano...”*.

Peter Júnior afirma que fala devagar e pausadamente, descrevendo o máximo possível a informação para facilitar a compreensão do assunto. *“Quando pego um jornal para falar sobre um crime que aconteceu não posso dizer ‘olhe a cara de fulano’, mas sim tentar descrevê-lo. Assim o deficiente visual vai formar a sua imagem”*.

O vereador Luiz Ernesto Alves Pereira, que comanda um programa em Curitiba, na Rádio Cidade (AM 670), onde está há 40 anos, explica que o rádio exerce o papel de informador do deficiente *“até no sentido de orientá-lo quanto a emprego...”*.

Como Peter Júnior, Luiz Ernesto destaca que quase não utiliza o fundo musical no programa e nem mesmo música. *“Só uso o BG em quadros definidos, para deixar algum fato mais alegre, como o das orações. Não uso fundos cantados só orquestrados para fazer com que o público me ouça corretamente”*. Ele diz que ganha credibilidade ao ouvir o que a pessoa tem a dizer. *“Às vezes, o ouvinte diz vou falar no programa do Luiz Ernesto, outras, como os deficientes, vão na rádio só para acompanharem o programa comigo”*, informa.

Para ajudar na comunicação, durante o programa o vereador declara que sempre dá as manchetes dos jornais e as comenta. *“Então, procuro fazer uma espécie de relacionamento, comparando-as com outros fatores, como no caso da alta do gás, pergunto sobre o salário mínimo”*. Outro detalhamento que destaca, é o da participação de um professor de educação física, que fornece orientações sobre exercícios. *“Mesmo pelo rádio, peço que ele ensine como faz o exercício e eu também o faço. Sento, por exemplo, na cadeira e me estico como o professor pede e repasso isto para o ouvinte”*.

3.1 Rádio: a ponte do cego com o planeta visual

Outro comunicador, citado pelos cegos, foi o jornalista Marcus Aurélio de Carvalho, que apresentava em rede nacional, em 2002, na rádio CBN, o programa CBN Total. O que o diferencia dos demais é que ele nasceu com catarata congênita e, após fazer três cirurgias, teve glaucoma secundário que o fez perder a visão do olho direito e ficar apenas com 10% da visão do esquerdo. Sua paixão pelo rádio começou cedo. *“Aos 13 anos eu já sabia de cor o nome dos narradores de futebol, a frequência das rádios de ondas curtas e ouvia emissoras como a BBC de Londres”*, afirma.

De acordo com Marcus Aurélio a relação que o deficiente visual tem com o rádio é bastante interessante. *“Meus alunos do Instituto Benjamin Constant, assim como eu, sabiam os nomes dos comunicadores, ligavam para as emissoras e participavam dos programas”*. Ele considera o rádio como os olhos dos cegos e a garganta dos que tiveram emudecido os seus direitos de protestar. Para Marcus esse é um dos poucos veículos que abre espaço para este tipo de protesto, sendo *“a nossa ponte com o planeta visual”*.

Quando lembra a estruturação das frases, mencionadas pelos deficientes, diz que a ordem direta do pensamento no rádio, a repetição do sujeito e o desmembramento das idéias



facilitam para o cego a compreensão da mensagem. *“Quando se destaca o sujeito em vários momentos, isto faz com que o deficiente ‘encadeie’ melhor a idéia. Seguir as técnicas dos manuais de radiojornalismo é importante, já que quem enxerga e ouviu uma notícia mal estruturada pode lê-la no jornal, mas o deficiente não”*. Conforme Marcus Aurélio é necessário ser simples, porém *“simplificar não quer dizer deixar de ir a fundo na informação, mas, construir o cotidiano da vida para o ouvinte”*. Ele responde aos questionamentos feitos pelos cegos sobre a locução do radialista, dizendo que a velocidade para se comunicar no rádio deve ser igual a de *“um ser humano quando conversa com o outro, com naturalidade”*.

3.2 Um pedagogo fala sobre o rádio

Para fechar este assunto, fez-se uma entrevista com um profissional que conhece bem a realidade do deficiente visual. O professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Ross é cego e aos 38 anos fala que ouve rádio pela manhã e à noite e quando se sente mais relaxado. Ele afirma conhecer qualquer radialista ou jornalista dos últimos 30 anos pelo nome e que acompanha mais os programas de notícias e entrevistas.

Conforme o pedagogo o rádio é uma expressão da realidade, que ajuda a solucionar problemas imediatos, *“por isto a dona de casa liga a uma emissora e pede a receita para um remédio, uma dentadura ou uma orientação para o filho que não está bem na escola”*. Porém, alerta que é necessário educar as pessoas para ouvirem mais a realidade, expressa pelas pessoas ou pela mídia, como o rádio.

Ross questiona a falta de conteúdo nos programas com poucos debates e entrevistas mais esclarecedoras sobre economia, política, social e educação e pergunta *“já que não posso ler jornais, porque, então, não temos alguém que rastreie os melhores jornais e coloque em um site, ou na televisão ou nas próprias emissoras comuns, artigos destes meios impressos, não com voz eletrônica (como a dos sintetizadores de voz) e sim com a voz humana?”*.

De acordo com ele rádio não deve ser observado como um refúgio da solidão. *“É uma companhia, porém, às vezes, impede as pessoas de estarem a sós. Massageia ao combater a depressão e de outro lado aliena, impedindo um pensamento próprio... É preciso ter um momento para saber quais são os objetivos de vida e como serão realizados, senão o rádio realiza um sonho por mim e eu reclamo do mundo, pois meus problemas vão sendo adiados”*.



Para o pedagogo da UFPR uma das grandes vantagens do rádio é tornar as pessoas boas ouvintes *“e o bom ouvinte é um bom amigo, é mais sensível ao outro, pensa mais no próximo. Pessoas que não sabem ouvir, em geral, são mais ansiosas, mais estressadas”*.

4. Algumas conclusões

O que se pode observar por este breve relato é que, em pleno século XXI, o velho rádio não é um mero eletrodoméstico nas residências dos cegos. Este formador de imagens é o responsável por levar notícias, entretenimento e educação a este público, que recorre ao meio para suprir este tipo de necessidade.

Pelos depoimentos, constata-se que as mensagens repassadas pelo rádio são mais facilmente compreendidas pelos deficientes, não causando tanta dependência, como as declarações feitas sobre televisão e jornais. Os cegos são, muitas vezes, beneficiados pela linguagem deste meio eletrônico. Esta parcela da população, discriminada em certas circunstâncias da vida ou por não conseguirem um emprego ou serem alvo de olhares curiosos de alguns membros da sociedade, só encontram neste veículo o caminho para se informarem sobre os fatos que ocorrem fora de seus ambientes familiares, já que são poucos os que têm acesso a uma revista em braille e quase todos nunca tiveram nas mãos um jornal nestes moldes, como é o caso dos que moram, freqüentam ou trabalham no Instituto Paranaense de Cegos. Mcleish (2001, p.17) resume este pensamento ao mostrar que “[...] mais acessível do que os livros, o bom rádio traz sua própria ‘biblioteca’, de especial valor para os que não podem ler – analfabetos, cegos, pessoas que por qualquer motivo não têm acesso à literatura em sua própria língua”.

Sendo, então, um dos veículos mais eficazes para manter os que não enxergam informados, é imprescindível se dizer que as regras ensinadas pelos manuais e nas disciplinas de radiojornalismo não são em vão e devem ser obedecidas. A realização dos questionários esclarece, ainda, que é necessário, principalmente, em relação a este público, se ter cuidado quanto a qualidade de som e ao que se coloca no ar, como o relacionado aos fundos musicais.

Quanto aos comunicadores, o trabalho procurou mostrar que os deficientes têm uma relação muito próxima com os mesmos, conhecendo-os pelos nomes e atribuindo a eles características que os une nesta comunicação.

Pelo estudo, verificou-se também que o rádio deve ter um espaço mais ativo referente à educação, sendo preciso a execução de mais debates e participações de especialistas, que abordem de forma simples o tema em questão.



Diante destas considerações o que se espera é que este estudo abra discussões, destacando o rádio na vida de pessoas como um meio que além da informar, entretém, relaxa e serve como um amigo que leva ao solitário uma palavra de companheirismo e uma motivação a mais para a vida.

5. Referências Bibliográficas

- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo Lima. Manual de Radiojornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DEFLEUR, Melvin L e Rokeach, Sandra Ball. Teorias da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FERRARETO, Artur Luiz. Rádio: o Veículo, a História e a Técnica. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001
- FROTA, Simone. Vendo com outros olhos: o perfil do portador de deficiência visual como consumidor e a influência da publicidade. 2002. 90 p. Monografia (trabalho de conclusão de curso) – Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Universidade Regional de Blumenau, 2002.
- HARTMANN, Jorge e MUELLER, Néelson. A comunicação pelo Microfone. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998
- MCLEISH, Robert. Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.
- MEDITSCH, Eduardo. O Rádio na Era da Informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: UFSC, 2001.
- PRADO, Emílio. Estrutura da Informação Radiofônica. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1989.
- PIERNES, Guillermo. Comunicação e Desintegração na América Latina. Brasília: UNB, 1990.
- THOMPSON, John B. A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. Rádio: Oralidade Mediatizada. São Paulo: Anablume, 1999.

Sites:

www.fundacaodorina.org.br/fundacao/deficiencia.asp, 15 de abril de 2002.

www.ibge.net/home/default.php#, 17 de setembro de 2002.